

INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Marleide Marques de Castro
UNILESTE/MG
marleidemarques@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a experiência de estágio supervisionado realizada no período de fevereiro a julho de 2009, em uma escola municipal de Timóteo, região do Vale do Aço - MG.

O desenvolvimento teórico-prático do estágio está referenciado numa perspectiva crítica em Educação e Psicologia. No campo da psicologia, situamos a psicologia sócio-histórica por favorecer a apreensão de um sujeito histórico e em relação dialética com o mundo, entendendo que a subjetividade é construída ao longo da vida do indivíduo, no decorrer das suas atividades e trocas sociais (Bock, 2001). Assim, compreende-se que as condições de possibilidades para a saúde psicológica estão diretamente relacionadas ao meio social, às interações e condições oferecidas por esse meio social.

No campo educacional, a perspectiva crítica procura contextualizar a educação como uma prática histórica e socialmente construída, enfocando sua importância social enquanto instância fundamental no processo de socialização do conhecimento historicamente acumulado. Por ser uma prática historicamente determinada, a educação pode estar a serviço de ideologias opressoras, o que Paulo Freire (1997) chamou de educação bancária. Por outro lado pode ser um instrumento de libertação, de conscientização, de transformação social. A presença de uma educação que seja libertadora em nossas instituições escolares depende da práxis dos atores nelas envolvidos, da ação e reflexão dos profissionais que atuam na educação enquanto sujeitos historicamente comprometidos com o processo de mudança social. Nesse processo o psicólogo atuando na escola é também ator na produção coletiva da práxis educativa, das relações sociais que se estabelecem no contexto educacional, contribuindo para o saber/fazer sobre o processo ensino/aprendizagem.

A intervenção na instituição de ensino pauta-se também nos propósitos da análise institucional, que segundo Barembliit (1992), consistem em propiciar, apoiar, deflagrar nas comunidades, nos coletivos nos conjuntos de pessoas, processos de auto-análise e auto-gestão.

A experiência aqui relatada também se referencia no trabalho desenvolvido pela equipe do Serviço de Psicologia Escolar da USP: a Orientação à Queixa Escolar. Trata-se de uma abordagem que procura focalizar as dimensões sociais e psíquicas presentes no processo ensino/aprendizagem, entendendo a queixa escolar como um sintoma do processo de escolarização, como um emergente de uma rede de relações que tem como personagens principais a criança, sua escola e sua família. Compreendendo os “problemas de aprendizagem” enquanto “problemas de escolarização”, cujas causas encontram-se nas relações institucionais, sociais e históricas estabelecidas entre os atores sociais envolvidos, superando o modelo clínico tradicional voltado para o diagnóstico e o tratamento de supostos distúrbios físicos e/ou psíquicos situados apenas no aluno com dificuldade de aprendizagem (SOUZA, 2007).

A ENCOMENDA

A professora supervisora do estágio curricular, no início do ano letivo de 2009, procurou a escola em questão com o objetivo de fechar parceria para a realização do estágio. Na oportunidade, a diretora da escola pediu intervenção junto a uma turma da terceira série do ensino fundamental. Segundo a diretora, a turma era muito difícil de lidar, pois em apenas um mês de aula, três professoras já haviam passado por lá e pedido para sair.

Após este primeiro contato, foi marcada uma reunião com a equipe pedagógica da escola (diretora, vice-diretora, orientadora e a professora da turma), a supervisora do estágio e as estagiárias de psicologia. Esta reunião teve o objetivo de apresentar nossa modalidade de estágio, intervenção psicossocial na escola, além de ouvir a versão de toda a equipe sobre a queixa e suas expectativas sobre o trabalho a ser desenvolvido. Neste momento, percebeu-se que a situação apresentava-se como um analisador institucional – o que segundo Lourau (2004), na instituição, são certos dispositivos que provocam a revelação do que estava escondido, são manifestações de não conformidade com o instituído e, por isso, reveladoras do mesmo. Aquela turma reunia, propositalmente, em uma classe especial, alunos identificados como os mais indisciplinados e cognitivamente atrasados da escola. Estes alunos, por sua vez, estavam respondendo a tais estigmas de forma bastante estereotipada: com indisciplina, agressividade e fracasso escolar, gerando uma crise na escola, pois nenhuma professora estava conseguindo trabalhar com eles.

A INTERVENÇÃO

Foi proposto um trabalho em grupo com as crianças da referida turma, utilizando-se da metodologia de Oficinas de Dinâmica de Grupo. A turma foi dividida em dois grupos, duas estagiárias trabalharam com sete crianças e as outras duas com as outras sete crianças. Os encontros aconteceram em uma sala na própria escola, no horário da aula, enquanto a professora dava aula para uma parte dos alunos, as estagiárias trabalhavam com os demais, e vice-versa. Antes de iniciar o trabalho com as crianças, as estagiárias foram de encontro aos pais das crianças, em suas próprias residências, para informá-los sobre o trabalho a ser realizado e também, para ouvir sua versão sobre a queixa.

No total foram realizados oito encontros de uma hora e meia de duração. As oficinas foram estruturadas de acordo com modelo proposto por Afonso (2002), onde o planejamento de cada encontro é executado de forma flexível, ou seja, os facilitadores se preparam para a ação a partir de um planejamento global prévio onde antecipa temas e estratégias, entretanto, ficam atentos e respeitam no desenvolvimento de cada encontro, os temas levantados junto ao grupo. Por se tratar de um grupo de crianças com idade entre oito e nove anos, as técnicas utilizadas nas oficinas foram baseadas em jogos, brincadeiras, desenhos e colagens. Assim, nos encontros com as crianças buscou-se oferecer subsídios para que elas desenvolvessem alternativas para lidar com suas dificuldades, expressar sentimentos, superar problemas, integrando-se melhor consigo e com os outros, tendo como objetivo criar um ambiente acolhedor que lhes ajudasse a refletir sobre suas vidas escolares e suas dificuldades de aprendizagem. As duplas reuniram-se com a professora por três vezes, no início, no meio e ao final dos oito encontros, para a troca de informações, de impressões e direcionamento dos trabalhos.

Nos dois primeiros encontros foram feitas as apresentações iniciais, buscou-se favorecer o entrosamento entre os membros do grupo, bem como, abrir espaço para que as crianças pudessem falar sobre a queixa escolar. Esses encontros foram relatados pelas estagiárias como muito difíceis de coordenar, pois as crianças faziam muita algazarra, não

ouviam os colegas, importunavam umas às outras o tempo todo. Percebeu-se que o fato de estarem agrupadas em uma sala de aula exclusiva para crianças que apresentam problemas referentes ao aprendizado, tinha uma repercussão negativa para as crianças que, muitas vezes, respondiam de forma estereotipada ao rótulo de “aluno-problema” que lhes era implicitamente imputado. Assim, no terceiro e quarto encontros buscou-se fortalecer o vínculo entre os membros do grupo. Foram utilizadas técnicas que favoreceram o conhecimento de si e do outro, o respeito mútuo, a interação e a comunicação. A partir de então, o grupo já estava mais coeso e as crianças mais “fáceis” de se trabalhar. A professora também relatou mudanças nesse nível em sala de aula.

Nos encontros subsequentes, buscou-se refletir sobre questões como queixas e dificuldades escolares, nesses momentos, as crianças expressavam uma imagem inferiorizada de si mesmas e se viam como principais culpadas pelo seu fracasso escolar. Muitas vezes, se referiam a elas mesmas ou aos colegas como “burras”, “cabeça ruim”, “problemático”, “bagunceiros”, entre outros adjetivos discriminatórios. As atividades do grupo procuraram favorecer a reflexão sobre esses sentimentos de menos valia, ajudando as crianças a pensar sobre suas dificuldades escolares, bem como, sobre suas potencialidades neste âmbito.

No último encontro foi feita uma avaliação em conjunto com as crianças sobre todo o percurso do trabalho, elas expressaram satisfação com as técnicas trabalhadas, falaram sobre mudanças percebidas e alcançadas: melhoria na relação da turma, maior confiança da professora em relação a eles, algumas crianças relataram, com muita satisfação, que estavam conseguindo aprender a ler.

Ao final dos oito encontros com as crianças, foi feita outra reunião com a equipe pedagógica da escola com objetivo de fazer uma devolução sobre o trabalho desenvolvido. Nesta oportunidade, a professora colocou que percebia que as crianças estavam mais entrosadas entre si, mais respeitadas em sala de aula, mais disponíveis para o trabalho pedagógico. Falou-se também sobre a questão de se ter uma turma especial, no intuito de levar à reflexão sobre os impactos desta para as crianças e para a escola. A equipe, após um momento de ansiosas justificativas para a experiência, chegou à conclusão de que a mesma havia fracassado e que para o bom desenvolvimento e aprendizagem das crianças é interessante que elas estejam inseridas em turmas heterogêneas, evitado assim, rótulos e discriminações, e ainda, que quando os níveis de conhecimento são variados, o trabalho em sala pode se desenvolver de forma mais rica e prazerosa.

Foi feita também uma reunião de devolução para os pais. Esta reunião aconteceu na escola, teve a participação dos pais e das crianças, foi um momento para conversar sobre o trabalho desenvolvido. Criou-se um espaço democrático onde todos puderam falar – estagiárias, crianças e pais, falou-se sobre problemas e dificuldades, mas também sobre as potencialidades percebidas nas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso acima exposto trabalhou-se a queixa escolar - fracasso e indisciplina, a partir de uma perspectiva psicossocial, buscando implicar no processo, não apenas as crianças alvo das queixas, mas também os outros agentes da instituição educativa.

O trabalho em grupo favoreceu que as crianças pudessem pensar e operar sobre suas dificuldades/potencialidades de aprendizagem, bem como, sobre suas relações com e na escola. Segundo Afonso (2002), a metodologia da Oficina de Dinâmica de Grupo tem potencialidades terapêuticas e pedagógicas, pois facilita a elaboração de questões subjetivas, interpessoais e sociais e ainda, deslança um processo de aprendizagem, a partir da reflexão sobre a experiência, possibilitando ao sujeito elaboração do conhecimento sobre o mundo e

dele no mundo, ou seja, do conhecimento sobre si mesmo. Sendo assim, ao final do processo, percebeu-se que as crianças estavam mais entrosadas entre si e com a professora, e já não se colocavam mais como os alunos mais difíceis da escola, construindo uma visão mais positiva em relação à escola e vice-versa. Apesar de algumas dificuldades de aprendizagem ainda persistirem em alguns alunos, importantes barreiras, cristalizadas nas relações institucionais e pessoais, que produziam o fracasso escolar destas crianças foram rompidas.

Na interlocução com a escola, importantes atravessamentos institucionais na produção da dificuldade escolar das crianças foram desvelados: a decisão da escola em criar uma turma especial composta por alunos considerados mais difíceis da escola estava contribuindo ainda mais para o fracasso e a exclusão escolar dessas crianças. Procurou-se trabalhar o significado e os impactos dessa experiência com a equipe pedagógica que, percebendo o erro, considerou que tal experiência não se repetiria. Como o ano letivo já estava em andamento, a turma seria mantida até o final do ano, porém, acolhida e cuidada na sua especificidade em relação às demais turmas da escola.

Enfim, percebeu-se que o trabalho desenvolvido na escola, além de criar um espaço de acolhimento das crianças para ajudá-las a refletir/elaborar sobre suas vidas escolares e suas dificuldades de aprendizagem, favoreceu também, a problematização da queixa escolar e a circulação de informações que possibilitou uma movimentação dos agentes institucionais no sentido da superação dos problemas enfrentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Lúcia. Oficinas em Dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial. In: AFONSO, Lúcia. *Oficinas em Dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial*. BH: Edições do Campo Social, 2002, pp. 11-59.

BAREMBLIT, Gregório F. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. RJ: Rosa dos Tempos, 1992.

BOCK, Ana M. Bahia. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, Ana M. Bahia, GONÇALVES, M. Graça Marchina, FURTADO, Odair (orgs.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. S.P: Cortez, 2001, pp.15-35.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. RJ: Paz e Terra, 1977.

LOURAU, René. Objeto e método da Análise Institucional. In: ALTOÉ, Sonia. *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. SP: Hucitec, 2004, pp. 66-86.

SOUZA, Beatriz de Paula. Apresentando a orientação à queixa escolar. In: (org) *Orientação à queixa escolar*. SOUZA, Beatriz de Paula. SP: Casa do Psicólogo, 2007, pp. 97-117.